

UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ALEXANDRE CHICARELLI
MARINA PAYAR GARCIA

**A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR
PERFIL DO PROFESSOR INOVADOR**

**UBATUBA – SP
2018**

ALEXANDRE CHICARELLI
MARINA PAYAR GARCIA

**A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO
FÍSICA ESCOLAR
PERFIL DO PROFESSOR INOVADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação
apresentado ao Núcleo de Educação a Distância
da Universidade de Taubaté como parte dos
requisitos para colação de grau no curso de
licenciatura em Educação Física.

Orientação: Prof. Fabio Campana e
Prof^a. Esp. Mônica de Castro
Mello Teruya

**UBATUBA – SP
2018**

ALEXANDRE CHICARELLI
MARINA PAYAR GARCIA

A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR
PERFIL DO PROFESSOR INOVADOR

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado ao Núcleo de Educação a Distância da Universidade de Taubaté como parte dos requisitos para colação de grau no curso de licenciatura em Educação Física.

Data: _____

Resultado: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____ Universidade de Taubaté

Assinatura

Prof. _____ Universidade de Taubaté

Assinatura

Prof. _____

Assinatura

AGRADECIMENTOS

À nossa família, pais e filhos, pelo apoio e paciência durante esses 3 anos e meio de estudos.

Aos nossos amigos e colegas do curso, pela companhia, bons momentos, ajuda e amizade

Agrademos ao Professor Fábio Campana, inspiração para o tema, pois é um grande professor, não somente por ter nos ensinado, mas por ter nos feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça a ele que terá nossos eternos agradecimentos.

Aos nossos orientadores, inicialmente Professor Fabio Campana e ao final, a Professora Monica Teruya, em especial a ela pelo excelente suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”

Paulo Freire

RESUMO

O movimento de renovação da Educação Física Escolar da década de 80 produziu efeito na literatura, porém na prática a renovação não se reflete, visto que a Educação Física Escolar se encontra em um momento estagnado contrapondo-se a essa renovação teórica. Muitos professores ainda persistem nas práticas tradicionais que resistem às mudanças. A inovação é um tema atual, que instiga ao debate necessário para a conscientização da efetivação das mudanças necessárias na atuação docente. Acreditamos que a tentativa de caracterização do perfil do professor inovador e do significado de sua atuação docente é fundamental para que a Educação Física Escolar caminhe em direção de seu objetivo, a formação de cidadãos críticos, construtores de seus conhecimentos e transformadores da realidade através de suas ações e relações. Neste trabalho, de caráter exploratório, após esclarecimentos a respeito da história da Educação Física Escolar no Brasil, descrevemos, com base nos estudos consultados, as características do professor inovador e de uma prática inovadora no ensino dessa disciplina.

Palavras-chaves: Professor Inovador, Prática Pedagógica Inovadora, Atuação Docente

ABSTRACT

The renewal movement of School Physical Education in the 1980s has produced effects in Literature, but, in practice, this renewal is not reflected at schools, since this discipline is in a moment of stagnation, interposing itself against the theoretical renewal. Many teachers still persist in traditional practices that resist the changes. The innovation is a current topic that instigates the needed discussion in order to aware the educators about the necessity of incorporating these changes in their praxis. We believe that the attempting of characterize the profile of the innovative teacher and the meaning of his/her teaching practice is primordial in order to the School Physical Education step towards its purpose: the formation of critical citizens, builders of their own knowledge and transformers of the reality through their actions and relations. In this work, of exploratory character, after clarifications about the History of the School Physical Education in Brazil, we describe, based on the analyzed studies, the features of the innovative teacher and of the innovative praxis in this school discipline.

Key words: Innovative teacher, Innovative pedagogical práxis, Teaching performance

RESUMEN

El movimiento de la renovación de la Educación Física Escolar de la década de 80 produjo efecto en la literatura, pero en la práctica la renovación no refleja su intención, una vez que la Educación Física Escolar está ahora mismo estancada, en contra de la idea de la renovación teórica. Muchos profesores aún insisten en las prácticas tradicionales que resisten a los cambios. La innovación es un tema actual, que instiga el debate necesario para la concientización de la efectuación de los cambios necesarios en la actuación docente. Creemos que el intento de caracterizar el perfil del profesor innovador y del significado de su actuación es fundamental para que la Educación Física Escolar camine hacia su objetivo, la formación de ciudadanos críticos, constructores de sus conocimientos y transformadores de la realidad a través de sus acciones y relaciones. En este trabajo de investigación, de carácter exploratorio, después de haber esclarecido la situación histórica de la Educación Física Escolar en Brasil, describimos, con base en los estudios consultados, las características del profesor innovador y de una práctica innovadora en la enseñanza de esta asignatura.

Palabras-llaves: Profesor Innovador, Práctica Pedagógica Innovadora, Actuación Docente

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE.....	33
FIGURA 2: FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO.	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. Problema.....	14
1.2. Objetivos	14
1.2.1.Objetivo Geral	14
1.2.2.Objetivos Específicos	14
1.3. Delimitação Do Estudo	15
1.4. Relevância Do Estudo	15
1.5. Metodologia	16
1.6. Organização do Trabalho	16
2. A MUDANÇA DA CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA DÉCADA DE 80	17
2.1. Contexto Histórico	17
2.2. A Motivação.....	20
2.3. A Renovação	21
2.4. Concepção dos Novos Rumos da EFE a partir da Renovação	24
3. PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EFE	26
4. A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE EFE	29
4.1. Trajetória	29
4.2. Panorama Atual da Formação Docente do Professor de EFE.....	30
4.3. A Construção da Identidade Docente.....	32
4.3.1.A Prática “Tradicional”	35
4.3.2.O Desinvestimento Pedagógico.....	36
4.3.3.A Inovação Pedagógica	37

5. O PERFIL DO PROFESSOR INOVADOR.....	40
5.1. Processo de Formação.....	43
5.2. Características da Prática Pedagógica.....	44
5.3. Características do Docente.....	46
6. O DESAFIO DA INOVAÇÃO NO CENÁRIO DE DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO ATUAL	47
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	50

1. INTRODUÇÃO

A Educação Física (EFE) atualmente assume para si a responsabilidade de transmitir aos alunos o mundo da Cultura Corporal do Movimento, de modo que os mesmos tenham acesso não somente ao lazer e técnicas de movimentos corporal, mas que se tornem capazes de se situar de forma crítica na sociedade. A EFE passa então, a contribuir para a formação do sujeito formador de opinião, capaz de decidir sobre o que fazer com as práticas adquiridas em suas vidas, deixando a concepção tradicional que visava a formação de meros consumidores dessa cultura corporal para trás e posicionando-se de maneira renovadora.

Para Thiago Machado da Silva et al (2010), infelizmente na prática, o movimento renovador da década de 80 surte ainda pouco efeito no cotidiano da EFE. A atual prática pedagógica da EFE nas escolas se resume ainda na maioria das vezes, a professores observadores de seus alunos enquanto estes realizam atividades de vôlei, futsal, handebol ou basquete, muitas vezes escolhidas pelos próprios alunos ou, pelo fato de serem as únicas atividades consideradas pelos professores possíveis de serem aplicadas devido a disponibilidade de equipamento e material.

Esses professores acabam conhecidos pelo termo “professores rola-bola”, onde a prática do professor de EFE é caricaturizada e a culpa é atribuída, de forma simplista, aos próprios professores, por falta de comprometimento com a profissão, desinteresse, etc. (Thiago Machado da Silva et al, 2010)

Mas então o que aconteceu com o movimento da década de 1980, que tinha o objetivo de reconstruir as aulas de EFE, tirando-as da prática tradicional de apenas divertir os alunos ou, nos melhores casos, de desenvolver habilidades físicas e esportivas, para iniciar a enxergar a necessidade de abordar a cultura corporal e passar a assumir que cada aluno é um ser crítico e capaz de situar as habilidades adquiridas em sua vida?

Após a crítica à concepção tradicional de Educação Física (EFE) pelo movimento renovador da década de 1980, a expectativa era a de que a prática pedagógica na EFE vivesse novos tempos e que a EFE se afirmasse no currículo escolar como uma disciplina responsável pela transmissão de uma importante parcela da cultura humana. (MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter, 2016)

Para Bracht, o que presenciamos de lá para cá foi, sim, um certo declínio da EFE tradicional. O autor afirma que houve esse declínio porque até a década de 80 praticava-se a EFE com o objetivo de selecionar os melhores, visando rendimento. Atualmente já não temos essa perspectiva dominando as aulas, por outro lado, também não temos a aplicação prática das abordagens sugeridas no movimento renovador da década de 80. Portanto simplesmente não temos nada de concreto nas aulas. Ou melhor, temos sim uma situação definida, caracterizada por Fensterseifer e González (2010) como uma situação entre o “**não mais e o ainda não**”.

Nesse contexto, nos deparamos com um panorama instalado e estagnado da EFE atual, com práticas pedagógicas que passeiam entre o tradicional e o desinteresse total, onde encontramos professores que simplesmente abrem mão de sua responsabilidade pedagógica e se atém a distrair seus alunos, praticando assim um desinvestimento pedagógico e um desserviço à sociedade.

Em meio a esse cenário que aqui generalizamos, lógico, nos deparamos com inúmeros casos de docentes que ultrapassam os limites do consensual, que buscam soluções, que ampliam os horizontes da educação do nosso país e logram promover a real e desejada nova face da EFE, apropriando os saberes da área e conquistando espaço na vida e formação de seus alunos.

Essa pesquisa parte do questionamento de quais elementos levam esses professores a buscarem a inovação em suas práticas pedagógicas, indo além do que têm em mãos e não se prendendo às amarras das limitações do ambiente escolar que lhes é oferecido, com o propósito de analisar o perfil do professor inovador, capaz de direcionar o rumo da EFE ao seu objetivo maior.

Segundo Bracht (2010), essas práticas inovadoras são aquelas que trabalham com a perspectiva de que a EFE possui um conhecimento relevante socialmente e que é dever da escola fazer com que as novas gerações se apropriem dela.

Os professores inovadores demonstram ao longo da construção de seu “ser” docente que é possível se reinventar e se posicionar de maneira a inovar a docência da EFE.

Os elementos trazidos para reflexão, neste texto, fazem parte de um trabalho de conclusão de curso de Licenciatura em Educação Física, e tem como objetivo entender quais elementos diferenciam o professor inovador dos tantos outros que ainda baseiam suas práticas no desinvestimento pedagógico.

Entendemos que a formação inicial, na graduação, oferece sim importantes bases para o docente. Nesse sentido, nos perguntamos em que medida essa formação colabora para o desenvolvimento das práticas pedagógicas inovadoras que levam esse novo professor a transformar a educação e os fatores que podem o tornar um professor inovador. Além de pensarmos nas possíveis intervenções das características pessoais e suas consequências.

1.1. Problema

Partindo da premissa que urge quando práticas inovadoras na Educação Física Escolar, indagamos: Quais concepções e práticas inovadoras podem ser observadas na atuação do professor inovador? Tais práticas inovadoras se relacionam com sua formação inicial? Quais fatores levam à construção do professor inovador? Por que alguns professores conseguem desenvolver uma prática pedagógica inovadora em meio a uma realidade oposta da EFE?

1.2. Objetivos

1.2.1. Objetivo Geral

- Identificar os fatores que levam à construção de uma prática pedagógica inovadora, traçando o perfil do professor inovador na EFE

1.2.2. Objetivos Específicos

- Analisar ações que inspirem a práxis inovadora do docente de Educação Física;

- Apresentar a prática tradicional e suas consequências;
- Sintetizar o desafio da inovação do cenário pedagógico atual

1.3. Delimitação do Estudo

O presente estudo dedica-se a reflexão da ação pedagógica de professores de Educação Física e as possibilidades e questões envolvidas com práticas inovadoras na Educação Básica.

1.4. Relevância do Estudo

Durante nossos anos acadêmicos despertamos nosso olhar para a importância da EFE na formação individual e social e com isso, despertou também nossa preocupação e porque não dizer, nossa indignação com a parcimônia da maioria dos professores atuantes nas escolas pública e particulares na busca por aprimorar sua formação e sua atuação em prol dos reais objetivos da EFE.

Fomos nos dando conta que a realidade prática, observada através das nossas vivências pessoais acompanhando a jornada de nossos filhos e nos estágios supervisionados, não condiz com a teoria idealizada de inovação pedagógica para a EFE, mas por outro lado, fomos também nos inspirando pelos relatos do nosso professor durante suas aulas e também de um dos nossos orientadores de estágio da rede municipal de Taubaté, e percebendo que suas ações e visão de seus alunos se diferenciava dessa realidade estagnada. Esses professores inovaram em suas práticas pedagógicas.

A partir daí levantamos nosso olhar para a importância e relevância da pesquisa e discussão do tema inovação na prática pedagógica da EFE e dos fatores que orbitam ao seu redor, na tentativa de inspirar e colaborar com nossos futuros colegas de profissão na jornada da construção da identidade docente, evidenciando a importância da conscientização da necessidade de mudanças e da busca constante pela ressignificação da Educação Física como cultura corporal de movimento.

1.5. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, de cunho bibliográfico, elaborada a partir de publicações, como livros, artigos de periódicos, documentos oficiais, anais de eventos, material disponibilizado na internet e revistas afins.

A pesquisa foi realizada a partir de estudos realizados entre 1980 e 2017.

1.6. Organização do Trabalho

O conteúdo deste trabalho está organizado em 7 (sete) capítulos que apresentam no capítulo 1 a introdução do trabalho; no capítulo dois um breve referencial teórico sobre a história da educação física escolar no Brasil, contextualizando a reforma da década de 80 e os novos rumos da EFE, contemplando suas motivações e o contexto da renovação; o capítulo 3 apresenta uma breve contextualização a cerca da prática pedagógica da EFE, buscando situar a atuação pedagógica dos professores de Educação Física no panorama atual; no capítulo 4, discorremos sobre a formação profissional do professor de EFE, traçando um breve panorama da formação docente, sua trajetória e situação atual que oscila entre o desinvestimento pedagógico, o tradicional e a inovação; no capítulo 5 nos aprofundamos no subtema deste trabalho, o perfil do professor inovador, pesquisando os fatores que podem contribuir ou definir esse perfil de profissional, desde sua formação, características da sua atuação docente e características pessoais; no capítulo 6 debatemos o desafio da inovação no contexto de desinvestimento atual, e por fim no capítulo 7 trazemos as considerações finais.

2. A MUDANÇA DA CONCEPÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NA DÉCADA DE 80

2.1. Contexto Histórico

No final da década de 70 a EFE entrou em uma crise de identidade, e fez-se necessária a busca por caminhos para romper os paradigmas que a dominavam até aquele momento. O momento foi de busca por libertação.

Para entender essa crise de identidade, faz-se necessário um breve repasse pela história da Educação Física do nosso país, com a finalidade de traçar o caminho percorrido por ela e as razões que a conduziram por esse caminho.

Segundo Ramos (1982), a EFE teve seu início oficial no Brasil com a reforma Couto Ferraz em 1851, porém somente em 1882 com o lançamento do parecer sobre a “Reforma do Ensino Primário, Secundário e Superior” de Rui Barbosa, que sua importância começou a ser notada. Nesse parecer, Rui Barbosa mostra a situação da Educação Física em países mais desenvolvidos politicamente e defende a prática da Ginástica, até então como era tratada a Educação Física, como elemento indispensável para a formação integral da juventude (Ramos, 1992).

Em tal Parecer, proferido na sessão de 12 de setembro de 1882 da Câmara dos Deputados, Rui Barbosa deu à Educação Física um destaque ímpar em seu pronunciamento, terminando por sintetizá-lo em propostas que foram desde a instituição de uma sessão especial de Ginástica em escola normal (inciso primeiro), até a equiparação, em categoria e autoridade, dos professores de Ginástica aos de todas as outras disciplinas (inciso quarto), passando pela proposta de inclusão de Ginástica nos programas escolares como matéria de estudo em horas distintas das do recreio e depois das aulas.(MARINHO, p.163)

Rui Barbosa lutou e influenciou as pessoas a buscarem melhores hábitos de vida através da Educação Física numa época que a atividade física era muito mal vista, pois era associada aos trabalhos de baixo escalão ou escravo.

Com a mudança de visão sobre a prática de atividade física, a Educação Física passou a ser vista como um possível remédio para curar a sociedade, e com isso passa a receber o apoio dos médicos, que viram na sua prática a oportunidade de formar indivíduos fortes e saudáveis, iniciando uma concepção de conservação da saúde, limpeza e asseio e assim formando cidadãos saudáveis e prontos para a ação. Surgia então a tendência higienista da Educação Física no Brasil, que se fez presente desde o início do século XIX, até meados dos anos 1930. (Guiraldelli, 2003).

Na década de 50, a EFE era regida pelo higienismo e pelos militares. Nesse período surgiram os modelos de ginástica importados, principalmente da Alemanha, Suécia e França, e as aulas se baseavam em movimento mecânicos e repetitivos.

[...] a Educação Física desse período tem como principal preocupação a melhoria da saúde e da higiene da população, com marcante presença de doutrinas naturalistas, nacionalistas e militares [...]; surge como um sinônimo da saúde física e mental e é eleita a promotora da saúde, regeneradora da raça, das virtudes e da moral”.(LEANDRO, 2002, p. 1)

Com a evolução da Educação Física, surgiu a necessidade de sistematização e com isso surgem os métodos ginásticos, com forte influência europeia, propostos pelo sueco P.H.Ling, pelo francês Amoros e pelo alemão Spiess. Com isso, a educação física a partir daí mais conhecida como ginástica, passa a ser introduzida nas escolas e melhor vista pela sociedade (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

A partir daí, a visão da Educação Física no Brasil foi “a de um elemento de extrema importância para o forjar daquele indivíduo “forte”, “saudável”, indispensável à implementação do processo de desenvolvimento do país”, (CASTELLANI, 1994).

As aulas de EFE eram ministradas por instrutores físicos do exército, com métodos rígidos de disciplina e hierarquia. Buscava-se com isso a construção de um cidadão disciplinado, obediente, submisso, profundo respeitador da hierarquia social (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Esse aspecto da EFE se manteve no período da Ditadura, onde houve grande avanço no sistema educacional e no esporte, onde o governo planejou usar a escola como fonte de programa do regime militar (Darido e Rangel, 2005).

Para o governo, o esporte trazia um clima favorável para a nação, distraindo a população da realidade política e simulando um ambiente de desenvolvimento e prosperidade. Para Darido e Rangel (2005) fortalece-se então a ideia do esportivismo, no qual o rendimento, a vitória e a busca pelo mais hábil e forte estavam cada vez mais presentes na Educação Física.

Essa influência do esporte no sistema escolar é de tal magnitude que temos, então, não o esporte da escola mas sim o esporte na escola. Isso indica a subordinação da educação física aos códigos/sentido da instituição esportiva: esporte olímpico, sistema desportivo nacional e internacional. Esses códigos podem ser resumidos em: princípios de rendimento atlético/desportivo, competição, comparação de rendimento e recordes, regulamentação rígida, sucesso no esporte como sinônimo de vitória, racionalização de meios e técnicas, etc. (COLETIVO DE AUTORES, Cap.2)

Na década de 70, a Seleção Brasileira conquistou o Tricampeonato na Copa do Mundo de Futebol, reafirmando a ideia do governo autoritário de investir no esporte como propaganda, visando formar jovens fortes e dispostos, colocando a EFE como base para novos talentos. A ideia do governo era destacar o país através dos esportes nos eventos competitivos. Nesse momento, as aulas de EFE voltam-se exclusivamente para a busca de talentos, contemplando os alunos mais habilidosos e excluindo os demais.

O esporte acaba centralizando o conteúdo da EFE, e o professor de Educação Física passa a ser um instrutor, um treinador que não sabe olhar para a individualidade de seus alunos mas sim para um todo, um time onde seus elementos passam pela peneira do “rende” ou “não rende”, a avaliação das aulas é norteadada pela eficiência e potencial, fortalecendo a pedagogia tecnicista.

As aulas de EFE ficam praticamente restritas aos alunos de 5ª a 8ª séries, já que essa faixa etária é onde o aluno demonstra já habilidade e é jovem suficiente para iniciar um treinamento mais específico. Com isso, a EFE passa a ser praticamente inexistente nos anos iniciais, e voltada para o treinamento seletivo dos mais habilidosos no 2º grau.

Como o Brasil não obteve êxito em competições internacionais, principalmente nas Olimpíadas, o modelo faliu.

As aulas de EFE perderam o rumo e o momento clamou por mudanças. Na década de 80, começa uma revolução no conceito da EFE e passou a ser direcionada para os anos iniciais até 4ª série, visando o desenvolvimento psicomotor dos alunos.

A história da Educação Física no Brasil é muito mais extensa e detalhada do que foi exposto nesse item, o objetivo aqui foi “pincelar” brevemente os aspectos marcantes que levaram a prática da educação física a essa pedagogia tecnicista, motivadora dos movimentos de renovação que começaram a surgir no final da década de 70.

2.2. A Motivação

Até os anos 70 como visto, a EFE está totalmente voltada para a aptidão física e a busca de talentos. O governo militar investiu na área visando obter homens saudáveis e dispostos a defender seu país, portanto, na área escolar a visão era totalmente voltada para o rendimento. Tratava-se de identificar os alunos que tivessem potencial para representar o país em competições

Essa concepção da EFE esportivista começou a ser criticada no final dos anos 70 e início da década de 80, já que as aulas de EFE acabaram se baseando estritamente na prática de alguns esportes coletivos, destacando os alunos mais hábeis e excluindo os que não possuíam habilidade para os jogos, além de estar voltada para os alunos mais velhos, a partir da 5ª série, já que estes são os que começam a apresentar resultados de rendimento.

A partir desse momento, houve uma mudança de paradigma, o tecnicismo provou que não funcionava.

Para BRACHT (1999), o viés da renovação da década de 80 foi a entrada mais decisiva das ciências sociais e humanas na área da EF, o que permitiu ou fez surgir uma análise crítica do paradigma da aptidão física.

Para o autor, a renovação teve duas motivações,

Um primeiro momento dessa crítica tinha um viés cientificista. Por esse viés, entendia-se que faltava à EF ciência. Era preciso orientar a prática pedagógica com base no conhecimento científico, este, por sua vez, entendido como aquele produzido pelas ciências naturais ou com base em seu modelo de cientificidade. O desconhecimento da história da EF fez com que não se percebesse que esse movimento apenas atualizava o percurso e a origem histórica da EF e, portanto, que ele não rompia com o próprio paradigma da aptidão física. Nesse período vamos assistir à entrada em cena também de outra perspectiva que é aquela que se baseia nos estudos do desenvolvimento humano (desenvolvimento motor e aprendizagem

motora). O segundo momento vai permitir, então, uma crítica mais radical à EF... (BRACHT, 1999, p. 77)

2.3. A Renovação

Iniciou-se uma preocupação e valorização da EFE nas séries iniciais, praticamente inexistente até então, voltando o olhar para o desenvolvimento da psicomotricidade e dando espaço para um modelo mais humanista para todas as séries.

.. a crítica se dirige, especialmente, ao processo de aprendizagem dos esportes no âmbito escolar, quando questiona a precocidade do ensino de modalidades esportivas para crianças das séries iniciais. Essa crítica coincide, naturalmente, com as discussões em torno da implantação da obrigatoriedade da Educação Física em todos os níveis e com profissionais qualificados, ou seja, professores de Educação Física. Este último aspecto, dos profissionais qualificados, não era exigência para as séries iniciais (de primeira a quarta séries). Quando essas séries eram de fato atendidas por um profissional de Educação física este, por sua formação profissional excessivamente concentrada no ensino dos esportes no modelo de competição, não tinha condições de ensinar outra coisa além do esporte nesse modelo. Como a própria legislação da Educação Física Escolar emitida pelo MEC (1980) proibia a introdução do aluno no aprendizado dos esportes na forma de iniciação à competição antes da quinta série ou antes dos dez anos de idade, estava formada a polêmica. (KUNZ, 2004, p.17)

Para BRASCHT (1997), o início da década de 80 marca o momento em que a visão hegemônica da EFE começa a sofrer os primeiros abalos e são propostas novas interpretações.

Uma destas novas interpretações está baseada na crítica ao behaviorismo, à pedagogia tecnicista, e pode ser caracterizada como o da **Educação Física Humanista**. . Esta proposta desloca a prioridade dada ao produto para o processo de ensino, introduzindo o princípio do processo de ensino não diretivo. Os objetivos da Educação Física situam-se mais no plano geral da Educação Integral. O conteúdo é muito mais instrumento para promover as relações interpessoais e facilitar o desenvolvimento da natureza, em si boa, da criança (BRACHT, 1997, p.26)

Desse movimento renovador surgem várias linhas pedagógicas com caráter inovador, onde se articulam diferentes teorias de concepções variadas, psicológicas, sociológicas, filosóficas, etc., porém todas essas novas Abordagens Pedagógicas convergem na aproximação com as ciências humanas e o rompimentos com a EFE exclusivamente esportivista.

Num primeiro momento surgem as abordagens desenvolvimentista, sistêmica, crítico-interacionista e crítico-superadora. Em segundo momento, complementando as anteriores, veem as abordagens da psicomotricidade, crítico emancipatória, cultural, jogos cooperativos, saúde renovada e dos Parâmetros Curriculares. (DARIDO, 2003)

O objetivo das Abordagens Pedagógicas é tirar o caráter de simples transmissão de técnica professor – aluno e incluir um conceito de intervenção do professor de maneira planejada considerando a cultura e individualidade de cada aluno, movendo o foco do rendimento para a evolução dentro do limite de cada um.

No início dos anos 90, com a divulgação da proposta do Coletivo de Autores (1992) a EFE se volta para um modelo teórico-prático denominado Cultura Corporal de Movimento que, segundo AZEVEDO e SHIGUNOV (2000) visa estruturar o campo de conhecimento específico da EFE considerando a importância da cultura, da educação humanista e valorização dos conhecimentos científicos.

Em 1996, com a lei federal nº 9394 (ANEXO A), conhecida como lei Darcy Ribeiro, a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) determina como competência da União estabelecer, junto aos estados e municípios, diretrizes que orientem os currículos e seus devidos saberes, de forma a garantir uma formação básica comum a todos. Com o intuito de mostrar um comprometimento, por parte do governo, na superação dos problemas e dificuldades em termos educacionais, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino fundamental (Brasil, 1998), que têm como principal finalidade apresentar as linhas norteadoras para a (re)orientação curricular.¹

Os PCN's trazem uma organização curricular interdisciplinar, com temas transversais com o objetivo de interligar áreas de conhecimento. (BRASIL,1998).

O PCN de EFE enfatiza o ensino das atividades físicas sem restrição somente às habilidades motoras e a pratica dos esportes coletivos como futebol, vôlei, basquete e handebol.

¹ Retirado do site “O Mundo de OZ” no endereço <https://mundodeoz.wordpress.com/2010/03/29/a-estrutura-dos-parametros-curriculares-nacionais-pcns/> . Acessado em 06/05/18.

Propõe ir além, abordando conteúdos conceituais, regras e táticas, dados históricos e factuais, conceitos de ética, estética, eficiência, além de inserção dos conceitos morais de sociabilização, solidariedade com base na vivência de cada aluno viabilizando a construção de relações de respeito e responsabilidade para com todos os alunos e entre eles. O objetivo é que o aluno adquira maior autonomia no processo de aprendizado, aprendendo a aprender. (BRASIL, 1998)

Segundo os PCN's, existem atualmente quatro grandes tendências pedagógicas:

- **PSICOMOTORA:** Visa o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor da criança, buscando uma formação integral. O conteúdo exclusivamente esportivo dá lugar a um programa de valorização da habilidade motora, lateralidade e coordenação viso-motora. Integra-se com a proposta pedagógica da EFE porém não contempla os conteúdos específicos, ignorando o esporte, a dança e a ginástica.
- **CONSTRUTIVISTA:** Visa construir o conhecimento a partir da interação do ser com o mundo. Considera o conhecimento prévio do aluno e com a participação dele, elabora a construção do conhecimento, através da solução de problemas e da ação com o mundo.
- **DESENVOLVIMENTISTA:** Busca sempre fundamentar a EFE, defendendo que por meio da habilidade motora ocorrem as relações com os problemas do cotidiano. Nessa visão, a EFE deve proporcionar ao aluno condições para que seu comportamento motor se desenvolva através do aumento da complexidade dos movimentos.
- **CRÍTICA:** Questiona principalmente as atitudes que fazem da EFE uma matéria marginalizada e sugere conteúdos que tragam a realidade para interpretação dos alunos, e com isso auxiliá-lo a ter uma postura transformadora dessa realidade.

No entanto, a práxis desde então não condiz com a intenção do movimento de renovação dos anos 80, para BRACHT (1999), a prática pedagógica na Educação Física ainda apresenta-se muito resistente a mudanças, pois a maioria dos professores ainda utilizam da teoria da aptidão física para a esportivização.

2.4. Concepção dos Novos Rumos da EFE a partir da Renovação

Desde a década de 70 a mudança é o centro das discussões educacionais. A mudança é concebida a partir de um processo de mudança social acelerada e o que a caracteriza como elemento distintivo da sociedade moderna e eixo da modernização é o contexto no qual se insere qualquer alusão à necessidade da mudança educacional. (MESSINA, 2001)

Desde então existe um grande esforço de que se reflete na literatura. O número de publicações sobre as novas concepções da EFE cresceu muito de lá pra cá. Inúmeras publicações estudam as novas concepções e abordagens e propõem maneiras de ampliar os conhecimentos, problematizar a prática escolar e propor soluções. Esse movimento de estudo segue e se amplia cada vez mais.

Desse levante de estudos, repercutem as diferentes abordagens pedagógicas já citadas no item anterior. Todas as abordagens se confrontam ou se complementam em algumas questões e apesar desse confronto ser saudável, pois todas indicam novos rumos para a EFE, existe a necessidade de intensificação da prática efetiva de todas, através da ciência do docente sobre qual plataforma a instituição ou seu próprio planejamento e atuação pedagógica se baseia.

a 'verdadeira Educação Física' é aquela que acontece concretamente (...), é aquela que nós construímos no nosso fazer diário", e para apreendê-la "é preciso, num primeiro momento, desvencilhar-se daquilo que desejamos que ela seja". É dessa educação física que acontece na escola que tratarei adiante, optando por usar alguns exemplos retirados de minha vivência na escola, de minhas observações como professor e de estudos que realizei. Vou tentar falar um pouco do que venho percebendo no "chão da escola", nos diferentes níveis da escolaridade. Evidentemente, outros exemplos e análises poderiam ser considerados neste item. Como considero impossível para um único profissional identificar e analisar todos os acontecimentos relacionados à educação física na escola, a minha intenção aqui é levantar alguns deles para provocar nossa reflexão, esperando que cada um, com seu olhar aguçado, se esforce para ampliá-la com outros exemplos e com suas próprias análises. (BRACHT, 1997, p.19)

A visão de Kunz (1991) em sua tese doutoral adaptada para livro, de que todas as novas concepções estão ainda em fase crítico teórica que necessita ser superada em favor de alternativas pedagógicas, de maneira que o próprio discurso não perca sua ressonância crítica perdura ao nosso ver até os dias de hoje.

"Os professores têm na cabeça o movimento e os princípios da escola nova. A realidade, porém, não oferece aos professores condições para instaurar a escola nova, porque a realidade em que atuam é tradicional. (...) o professor se vê pela pedagogia oficial que prega a racionalidade e a produtividade do sistema e do seu trabalho, isto é: ênfase nos meios (tecnicismo). (...) E não aceita a linha crítica porque não quer receber a denominação de agente repressor". (SAVIANI, 1981)

Para O Coletivo de Autores (1992) os temas da cultura corporal, tratados na escola, expressam um sentido significado onde se interpenetram, dialeticamente, a intencionalidade/objetivos do homem e as intenções objetivos da sociedade.

Nos PCN's, as quatro abordagens descritas no item anterior, psicomotora, construtivista, desenvolvimentista e crítica, se desdobram em novas propostas pedagógicas e devem se integrar à proposta pedagógica da instituição escolar.

O professor de EFE assume a partir daí autonomia para a criação da sua atuação, que convergindo com a proposta pedagógica da escola, deve buscar sua em qualquer instância, o desenvolvimento pessoal e integral do aluno.

3. PRÁTICA PEDAGÓGICA NA EFE

O professor assume a função de guia reflexivo, ou seja, é aquele que ilumina as ações em sala de aula e interfere significativamente na construção do conhecimento do aluno. Ao realizar essa tarefa, o professor proporciona reflexões sobre a prática pedagógica, pois, parte-se do pressuposto de que ao assumir a atitude problematizadora da prática, modifica-se e é modificado gerando uma cultura objetiva da prática educativa. (SACRISTÁN,1999, p.72)

A atuação docente em sala de aula é o encontro de inúmeros fatores como a formação acadêmica teórica e prática, vivência profissional, experiências pessoais, crenças, cultura, tudo isso aliado à fatores como local e condições de trabalho, identidade da turma de alunos, políticas educacionais, carga de trabalho, entre outros. Todos esses fatores podem influenciar de maneira positiva ou negativa na atuação docente. No entanto, um docente comprometido com a busca de uma formação plena e constante, mesmo em meio a tantos empecilhos, sempre buscará trabalhar o conhecimento de forma significativa para seu aluno.

Para Sacristán (1999) “a prática educativa é o produto final a partir do qual os profissionais adquirem o conhecimento prático que eles poderão aperfeiçoar”.

É sabido que o atual cenário da educação no Brasil é ainda produto de uma ação pedagógica refém de uma concepção tradicional de muitos docentes, onde o conhecimentos ainda é sistematizado fragmentado em disciplinas isoladas, resultando no desenvolvimento de um processo de ensino aprendizagem mecânico.

Esse cenário produz resultados ineficientes pois o foco ainda é a memorização do conteúdo e cumprimento de tarefas repetitivas, e que não representa sentido para o aluno que as realiza, e o que não faz sentido não é assimilado.

Para Souza (2005), a prática pedagógica expressa as atividades rotineiras que são desenvolvidas no cenário escolar. Podem ser atividades planejadas com o intuito de possibilitar a transformação ou podem ser atividades bancárias, tendo a dimensão do depósito de conteúdo como característica central.

Segundo o autor, a rotina da sala de aula da escola do nosso país ainda é representada por essas atividades bancárias, onde a prática pedagógica é um processo mecânico que

condiciona os alunos a reproduzir o que foi ensinado, sem ser estimulado a questionar e assimilar o conteúdo com a realidade.

Na EFE a situação é ainda pior. A prática pedagógica esportivista da EFE brasileira direcionada ao rendimento chamada aqui de “tradicional”, consolidada a partir da década de 60 até grande parte da década de 90 ainda se faz presente, resistindo ao movimento de renovação da década de 80.

A ideia da renovação é a superação dessa tradição esportivista, proporcionando aos alunos acesso a uma práxis voltada à cultura corporal de movimento.

De acordo com SILVA e BRACHT (2012), embora estudos demonstrem que existem grandes dificuldades para que essas propostas sejam incorporadas efetivamente ao cotidiano escolar, elas vêm sendo utilizadas por professores de Educação Física em diversas escolas, de diferentes estados e municípios de nosso país. Porém, são experiências pontuais e dispersas e na maioria das vezes não sistematizadas, de maneira que seu potencial de disseminação e de estímulo para novas experiências não pode se realizar mais efetivamente.

A Educação Física brasileira tem tido muita dificuldade de traduzir seus avanços epistemológicos e teóricos para o campo da intervenção pedagógica, em particular no âmbito escolar. O enfrentamento deste desafio tem colocado questões importantes para os processos de formação (inicial e continuada). Sabemos, por outro lado, dos limites destes processos quando verificamos o cotidiano dos espaços/tempos escolares e as diferentes posturas assumidas pelos professores. Nesse sentido, reconhece-se que o desempenho profissional vincula-se também (ou fundamentalmente) ao contexto específico de suas práticas pedagógicas. O que se percebe é que no interior dos espaços educacionais também emergem práticas pedagógicas inovadoras, as quais parecem não obedecer lógicas lineares, motivadas por razões que muitas vezes nos escapam. (SILVA e BRACHT, 2012, p. 2)

O conteúdo trabalhado pelo docente precisa fazer sentido para o aluno, que deve sentir-se constantemente consciente e situado no assunto tratado. Para que isso ocorra faz-se necessário que a prática pedagógica seja pautada na ideia de que o aluno não é um ser passivo, e proporcionar a vivência de ser concebido como sujeito de seu próprio saber, e ciente do seu espaço e direito de expressar sua opinião.

As razões para que o resultado das ações pedagógicas em geral sejam insuficientes são inúmeras. Faz-se necessário conhecer todos os limites pessoais e institucionais, e as

dificuldades para que mudanças possam ser legitimadas coletivamente, porém, essas transformações coletivas não podem ser a única ação disponível para que nosso cenário escolar atinja uma práxis diferenciada e inovadora. A mudança inicia no âmbito individual, onde o docente deve sempre dar voz a sua inquietude e buscar constantemente uma prática que possibilite a real construção do conhecimento.

Deve existir uma busca constante por uma inovação capaz de excluir a simples transmissão de conteúdo professor-aluno. Essa busca requer atividades inovadoras e atitude pró-ativa de cada professor de situar-se em um processo contínuo de aprendizagem e atualização.

São muitas as vias a serem analisadas, a identidade docente e sua prática pedagógica não se fazem a partir de um só fator, mas da junção de vários, como a formação inicial, o processo (e a consciência de sua importância) da formação contínua, a efetividade e coerência da interação teoria x prática, as condições de trabalho e a disposição em superar as deficiências físicas e dificuldades (criatividade), a ciência da renovação da EFE e do seu atual campo de conhecimento, a cultural corporal de movimento, assim como da sua importância como agente formador de indivíduos atuantes em uma sociedade em constante mudanças, e o próprio perfil pessoal do docente, suas características de personalidade ativa, inquieta e disposta a fazer da EFE uma disciplina de extrema importância no desenvolvimento do aluno.

4. A FORMAÇÃO PROFISSIONAL DO PROFESSOR DE EFE

O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética. (...) Formação científica, correção ética, respeito aos outros, coerência, capacidade de viver e de aprender com o diferente, não permitir que o nosso mal-estar pessoal ou a nossa antipatia com relação ao outro nos façam acusá-lo do que não fez obrigações a cujo cumprimento devemos humilde mas perseverantemente nos dedicar. (FREIRE, 2008, p.16).

Ao se abordar o tema formação profissional em educação física, consideramos a premissa básica que o profissional ao graduar-se, deve conhecer a área que irá atuar, reconhecendo-a como área interdisciplinar e como campo de conhecimento.

A formação deve então constituir base sólida, através do enlace da formação teórica, da pesquisa e da vivência na prática dos conteúdos estudados.

4.1. Trajetória

A Constituição de 1937 tornou a Educação Física obrigatória nas escolas e a partir daí, com a exigência de um currículo mínimo para a graduação, surgiu em 1939 a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, estabelecendo assim diretrizes para a formação profissional de professores de Educação Física. O curso de licenciatura tinha duração de 2 (dois) anos e a formação do professor era a de um técnico generalista, mas carregada no compromisso de ser um educando (DE SOUZA NETO, 2008)

Em 1945, a duração do curso de formação do professor passou de dois anos para três anos e nos anos seguintes até 1968, a formação do professor ganhou uma atenção especial, observada na LDB – n. 4.024/ 61, exigindo um currículo mínimo que garantisse formação cultural e profissional adequadas à profissão de educador físico. (DE SOUZA NETO, 2008)

Essa formação não atendia ao mercado, que ainda era ocupado por ex-atletas, e a partir de 1969 os cursos de formação de professores passam a se restringir apenas aos cursos de educação física e técnico de desportos previsto para três anos, onde os saberes relativos ao

conhecimento esportivo ganham destaque bem como a parte didática com ênfase mais específica voltada para a formação do professor.

Em 1987, com os frequentes questionamentos sobre a funcionalidade da preparação profissional de professores de educação física e a insuficiência dessa formação para a demanda do mercado que há muito já extrapolava os limites da escola, é estabelecida a criação do Bacharelado em Educação Física.

Com a promulgação do parecer CFE n. 215/87 e da resolução CFE n. 03/87, foi estabelecida a criação do bacharelado em educação física. Nessa proposta, os saberes anteriormente divididos entre as matérias básicas e profissionalizantes – localizadas dentro dos núcleos de fundamentação biológica, gímnico-desportivo e pedagógica – assumem uma nova configuração, tendo como fundamento da distribuição dos saberes na estrutura curricular duas grandes áreas: Formação Geral – humanística e técnica – e Aprofundamento de Conhecimentos. (DE SOUZA NETO, 2008, p.120)

A partição licenciatura – bacharelado deu margem para que muitos cursos ofertassem ambas as formações em 1 (um) só curso, porém com o fenômeno do “profissionalismo” a partir das publicações da LDBEN n. 9.394/96, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e da lei n. 9.696/98 observou-se um novo desenho curricular para a área da educação como um todo e um novo delineamento no campo da intervenção profissional da educação física, mantendo as formações de licenciatura e bacharelado separadas. (DE SOUZA NETO, 2008)

A partição da formação do profissional de educação física em Bacharelado em Licenciatura gera discussões até os dias de hoje, amplamente questionada por profissionais da área que defendem a formação única garantindo maior campo de trabalho ao professor graduado.

4.2. Panorama atual da Formação Docente do professor de EFE

Existem hoje dificuldades para situar e legitimar a Educação Física como campo científico, pois falta aprofundar e, talvez, popularizar o debate acerca do entendimento de que, sendo a Educação Física uma área de saberes e práticas aplicadas, o "objeto" ainda é de difícil demarcação. (BRACHT, 1999)

Atualmente, vivemos um “boom” tecnológico, a vida das pessoas muda completamente em poucos anos, devido aos vários novos recursos ofertados frequentemente. O ritmo de vida é frenético e o profissional de Educação Física, assim como todos os outros, tem que se reinventar, assumir uma identidade polivalente, flexível, buscando atualização constantemente, ou seja, assumindo a identidade de profissional multicompetente.

Na sala de aula, o docente se depara hoje com uma geração que tem a tecnologia a seu dispor desde o berço, onde a oferta de informações é em tempo real, global, e a distância de um clique, tudo muito rápido e disponível. Portanto, a formação acadêmica tem que estar em sintonia com as mudanças constantes e somente o estreitamento entre a formação teórica e prática pode gerar a síntese de conhecimentos necessários e adequados para permitir que a EFE se concretize como ciência na vida dos alunos.

Para isso todos os instrumentos práticos (estágios, práticas, projetos de extensão, acesso à pesquisa etc.) devem estar em sintonia com a teoria e assumir o mesmo peso de importância na formação acadêmica.

Portanto, é imprescindível para um curso superior de Educação Física, licenciatura ou bacharelado, que exista coerência entre a formação teórica ofertada e a realidade que o futuro profissional vai vivenciar após a graduação, e que prepare o futuro profissional para buscar a superação desde o início da graduação até o último dia da sua carreira profissional.

Mas o panorama atual da formação acadêmica do profissional de EFE não caminha somente nessa direção. Com o aumento do número de instituições que ofertam cursos superiores, a qualidade do ensino e conseqüentemente do profissional lançado no mercado caiu muito. Junte-se a esse aumento de instituições a oferta de cursos de Educação à Distância.

Infelizmente muitas instituições primam pela quantidade de alunos e não apresentam a mesma preocupação na qualidade do ensino.

“Penso que o ensino superior brasileiro, por conta da proliferação das instituições, passa por um momento inusitado. Por conseqüência, a formação de professores não se afirma na qualidade. Não se justifica, porém, apenas nesse ponto o despreparo de alguns professores (...). A meu ver, além de pedagógica, a questão é ética” (SANTANA, 2004).

Professores despreparados, desinteressados, não oferecem condições para o desenvolvimento do pensamento crítico, autônomo e consciente que a sociedade tanto carece.

É importante que ao buscar formação para atuar como docente de EFE, o indivíduo seja norteado pela consciência da busca da formação ampla, agindo ele como cidadão crítico, senão, será apenas mais um profissional detentor do diploma porém incapaz de produzir mudanças efetivas na vida de seus alunos, aumentando simplesmente as estatísticas de professores reprodutores de modelos existentes e ineficazes, os já chamados aqui anteriormente, seguindo conceitos de Thiago Machado da Silva et al (2010), de professores “rola-bola”. Infelizmente esse profissional despreparado ainda persiste em grande número no nosso país, e ao nosso ver esse é um problema de questão ética.

Outra questão a ser considerada é o fato de que a formação do professor de EFE deve ser sempre vista como um processo contínuo, pois com a superação tão rápida dos saberes, a concepção de formação profissional acadêmica como um processo completo perde o sentido. O profissional que finda sua formação com a formatura da graduação está na direção contrária do caminho que a Educação Física tende a seguir e não colabora para sua evolução e reconhecimento como ciência.

Portanto, são muitos os problemas que a formação acadêmica de professores de EFE apresenta, desde a oferta de cursos de baixa qualidade, a falta de sintonia entre teoria e prática, formação descontinuada, entre outros que não foram pautados aqui, como por exemplo a falta de incentivo a pesquisa. Todos esses fatores, isolados ou muitas vezes em conjunto, resultam em profissionais despreparados e desinteressados atuando nas escolas.

4.3. A Construção da Identidade Docente

A identidade profissional dos docentes é entendida como uma construção social marcada por múltiplos fatores que interagem entre si, resultando numa série de representações que os docentes fazem de si mesmos e de suas funções, estabelecendo, consciente ou inconscientemente, negociações das quais certamente fazem parte de suas histórias de vida, suas condições concretas de trabalho, o imaginário recorrente acerca dessa profissão [...] (Garcia, Hypólito e Vieira, 2005)

Segundo PIMENTA (1997) o professor constrói sua identidade docente a partir da significação social da profissão e da revisão constante dos significados sociais da profissão, mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas.

Para a autora, nas práticas docentes estão contidos elementos importantes como a problematização, a intencionalidade para encontrar soluções, a experimentação metodológica, o enfrentamento de situações complexas e a tentativa da didática inovadora.

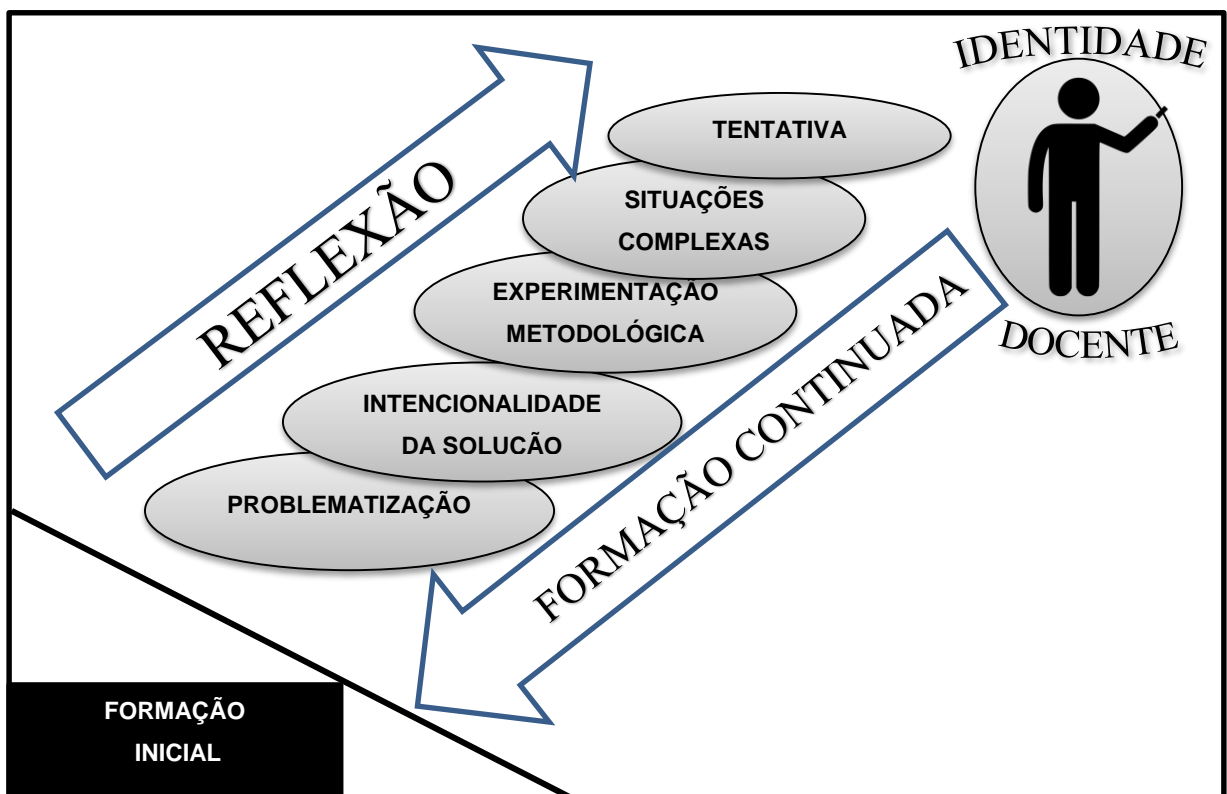


Figura 1: Formação da Identidade Docente.

Portanto, a formação da identidade profissional do docente é uma via de mão-dupla, envolvendo sua formação, inicial e continuada e sua auto-formação onde os saberes da sua formação são revistos e reelaborados constantemente quando confrontados com suas experiências.

O aperfeiçoamento da prática educativa e a construção da identidade profissional do docente se dá através da disposição do profissional em usar sua criatividade, pensar e planejar suas ações, buscar soluções para os obstáculos encontrados diariamente na sala de aula e principalmente assumir que, enquanto estiver atuando em sala de aula e não importando quanto

tempo tem de carreira profissional, sua prática educativa necessita de busca constante por atualização e sua formação nunca estará completa, ela é contínua.

Portanto, a prática educativa define a identidade do docente e definitivamente a construção da individualidade docente e a busca por uma atuação que promova o aprendizado real não é uma tarefa fácil e muito menos findável.

Mas é na individualidade da prática pedagógica que identificamos o perfil do docente. Em seu estudo, Souza (2005) classificou a prática pedagógica no Brasil em dois grandes grupos: práticas eminentemente reprodutivas em relação às propostas municipais de educação e práticas que geram inquietações, inovações e projetos escolares originais.

Essa classificação ilustra o que queremos expor nesse estudo. A identidade do professor é o espelho de sua prática pedagógica,

Thiago Machado da Silva et al (2010) caracterizam três tipos de prática docente em Educação Física em voga nas escolas brasileiras, sendo as duas primeiras as mais comuns:

- Tradicional: aquela que continua a tradição que se instalou nas escolas e que foi construída nas décadas de 70 e 80, visando esporte de rendimento, selecionando os aptos e habilidosos e excluindo os que não possuem aptidão para esportes.
- Desinvestimento: caracterizada pelo professor “rola bola” ou “pedagogia da sombra”, que não apresentam pretensão maior do que ocupar seus alunos com alguma atividade (desinvestimento pedagógico) e com frequência se convertem em administradores de material didático.
- Inovadora: a menos comum, é aquela que busca inovar, busca modificar (nem sempre numa direção progressista) e, assim, desvia de alguma forma da tradição instalada.

É de conhecimento de todos que existe no panorama atual uma carência no que se refere a domínio do conhecimento a ser ensinado, e a maioria dos docentes se revelam e assumem sentir-se despreparados para ministrar alguns conteúdos, seja por lacuna de conhecimento pessoal, insegurança na prática física de modalidades específicas, formação híbrida, falta de estrutura física da instituição, falta de material, entre outros

4.3.1. A Prática “Tradicional”

As abordagens da Educação Física, surgidas no movimento de renovação da década de 1980, se opuseram a uma Educação Física “tradicional”, onde a prática da EFE é restrita a esportes coletivos e recreação, a centralidade é o professor e a metodologia é diretiva, além de ser exclusiva ao privilegiar os alunos mais habilidosos. Alunos que não se interessam pelas modalidades de futebol, voleibol, basquete e handebol, sem esquecer a clássica queimada ficam de fora das aulas.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação prevê aulas planejadas, abordando todos os conteúdos da cultura corporal de movimento, e muitos professores já reconhecem a necessidade de tratar a Educação física como área de conhecimento que promove a cultura corporal de movimento, porém na ampla prática a cultura é somente um conceito ainda pouco inserido.

Kunz (2003) critica profundamente a Educação Física Tradicional, mostrando a importância do estudo do movimento humano na Educação Física Escolar, estimulando a formação de um sujeito capaz de analisar e criticar construtivamente e através deste entendimento possa ser capaz de uma superação, formando um novo patamar teórico.

Há muito vê-se a mescla do esporte e da Educação Física nas escolas, ao nosso ver, a EFE encontra-se em um momento de acomodação. Enfatizamos aqui nosso cuidado ao expor as ideias ressaltando que o objetivo é situar o panorama atual da EFE buscando identificar mais à frente os fatores que basearam e impulsionaram práticas inovadoras, mesmo que expostas a todas as adversidades da atual situação da educação brasileira e que são justificativa ainda para a não implementação efetiva das mudanças reais e já documentadas previstas para a EFE nos dias de hoje.

Retornando à afirmativa de que o momento da EFE atual é de acomodação, justificamos a partir da premissa que, tendo os esportes suas regras já definidas e por ser de gosto da maioria dos alunos, proporciona uma certa facilidade na atuação pedagógica do docente, que muitas vezes se sente inseguro ou até incapaz de ministrar aulas de outros conteúdos que não os esportes coletivos básicos, como dança e lutas.

Para Bracht (1997) a utilização de atividades esportivas como conteúdo principal das aulas de Educação Física no Ensino Médio, sem um embasamento teórico que priorize além das regras o contexto antropológico, sociológico e filosófico, contribui para que essa disciplina

perca cada vez mais sua identidade enquanto disciplina integrante do currículo do ensino na educação básica.

4.3.2. O Desinvestimento Pedagógico

Thiago Machado da Silva et al (2010) em seu artigo “As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar” define o termo Desinvestimento Pedagógico como um fenômeno produto de um emaranhado de fatores relacionados entre si, que permite classificá-lo como um fenômeno de caráter multifatorial, e caracteriza-lo como um estado do professor.

O professor que temos denominado *em estado de desinvestimento pedagógico* é aquele cuja prática recebe denominações como *rola bola* e/ou como *pedagogia da sombra*. Geralmente, ele se encontra em estados nos quais não apresenta grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade. Com frequência, converte-se em simples administrador de material didático, atividade que não exigiria, em princípio, formação superior. Outras vezes, assume uma postura de compensador do tédio dos alunos produzido nas ou tras disciplinas (como Matemática, Português etc.). (THIAGO MACHADO DA SILVA et al, 2010)

Sabemos que a atuação do professor em sala de aula é o fator primordial para que o real aprendizado aconteça, mas sabemos também que essa atuação é resultado de uma junção de esforços que inclui, entre outros, uma gestão escolar capaz de enxergar com clareza a função pedagógica da aula de Educação Física como componente curricular; uma comunidade e famílias que valorizem e cobrem a coordenação da instituição aulas de Educação Física de qualidade, além de orientar seus filhos sobre a importância da Educação Física como ciência e conteúdo curricular, e de sua importância para a manutenção da qualidade de vida; alunos que assumam essa consciência e sejam capazes de cobrar e valorizar o trabalho do professor de Educação Física, além do básico, é lógico, que tenham atitude respeitosa com relação à escola como instituição educadora e aos professores; formação acadêmica compromissada com o objetivo de lançar profissionais preparados para a realidade escolar atual, sincronizando teoria e prática e proporcionando acesso à ciência e ao desenvolvimento da mesma, além do acesso e

apoio do governo e das instituições empregadoras à formação continuada; e situação emocional, qualidade de vida e retorno financeiro pelos anos de estudo e esforço.

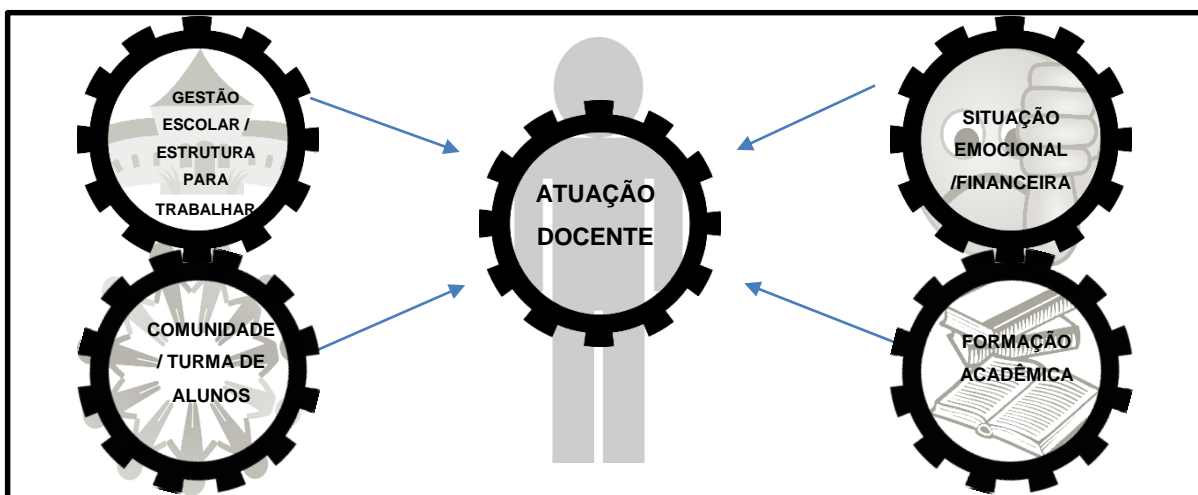


Figura 2: Fatores que contribuem para o desinvestimento pedagógico.

Parece muito para a realidade atual do país, mas é consenso que toda essa engrenagem deveria se encaixar e fazer da atuação docente um produto natural.

Para a Educação Física a situação é mais grave do que para os outros conteúdos, pois também é consenso que os alunos são condicionados a ver a aula de Educação Física como menos importante do que os outros conteúdos.

Portanto, esse “estado” de desinvestimento pedagógico estudado por Thiago Machado da Silva et al (2010) é produto de uma sucessão de descasos causadora de uma apatia coletiva que resulta em uma “aula” onde nada é ensinado e nada é aprendido, e o professor se diminui ao papel de monitorar a recreação.

4.3.3. A Inovação Pedagógica

Dos anos 1990 para cá, o conceito e a prática da inovação na educação transformaram-se significativamente, assumindo uma conotação multifacetada e polissêmica, não havendo consenso a seu respeito (MESSINA, 2001)

A autora enfatiza também que inovação

[...] é algo aberto, capaz de adotar múltiplas formas e significados, associados com o contexto no qual se insere. Destaca-se, igualmente, que a inovação não é um fim em si mesma, mas um meio para transformar os sistemas educacionais. Como corolário dessas premissas tem-se reafirmado a ideia de que a inovação é antes um processo que um acontecimento [...]. A partir desses princípios, a inovação foi definida como processo multidimensional, capaz de transformar o espaço no qual habita e de transformar-se a si própria. Ao mesmo tempo, os teóricos da inovação se interessam pela apropriação por parte dos atores, pela continuidade dos esforços inovadores e pelo papel integrador que corresponde a um significado compartilhado sobre a inovação (MESSINA, 2001, p. 227)

Em nossas pesquisas bibliográficas sobre conceito atribuído à inovação pedagógica, concordamos com MESSINA (2001) e FARIA et al (2010), na constatação de que há grande multiplicidade de definições do conceito. Percebemos que faz muito sentido, uma vez que não existe um tipo ideal de prática inovadora e por essa mesma razão que construímos o objetivo desse estudo, para levantar os fatores que diferenciam as atuações docentes dos professores inovadores dos tradicionais ou do desinvestimento pedagógico. Também com isso não corremos o risco de rotular algumas práticas que possam ser identificadas no presente estudo como não inovadoras.

A renovação da EFE visa a superação das tradicionais aulas definidas entre a prática dos quatro esportes básicos: futebol, vôlei, basquete e handebol, para um planejamento de conteúdos a serem passados onde o professor se coloca em posição de mediador do conhecimento, e facilitador do processo de ensino-aprendizagem, e ao assumir essa posição está inovando e construindo com seus alunos caminhos que consideram e respeitam a individualidade de cada um, suas limitações e potencialidades proporcionando um amplo leque de abordagens para um mesmo tema.

Essa prática pedagógica inovadora é transformadora e abre caminhos através de uma atuação docente reconhecedora de que o processo que favorece a aprendizagem significativa é complexo e flexível.

Para Cunha (2001) a prática pedagógica inovadora deve ser organizada pelo professor, mas não depende só dele, pois, o aluno precisa confiar no docente para que essa inovação aconteça. É preciso que aluno e professor tenham uma relação de confiança e respeito para que o medo e a insegurança não impeçam a possibilidade de mudança no processo ensino e aprendizado.

Cunha (2001) ainda afirma que as práticas desenvolvidas em sala de aula que rompem com o tradicional, encorajam os discentes a buscarem por conhecimentos e aprendizados novos dentro dos conteúdos já apreendidos.

A prática pedagógica inovadora portanto, através dessa busca de novos caminhos promove uma EFE que inclui e sociabiliza todos os alunos, considerando cada um como indivíduo único, valorizando sua individualidade e permitindo que vivenciem a cultura corporal de movimento através de um embasamento teórico e prático que servirá de pressuposto para a constante consciência de que a atividade física e os hábitos saudáveis são fundamentais para o desenvolvimento e manutenção da saúde física e mental.

5. O PERFIL DO PROFESSOR INOVADOR

A inovação pode ser identificada, segundo MESSINA (2001) em dois componentes que a distinguem:

- a) a alteração de sentido a respeito da prática corrente e
- b) o caráter intencional, sistemático e planejado, em oposição às mudanças espontâneas

Não há na literatura uma conceituação já cristalizada sobre os fatores que formam o perfil do professor inovador, e cremos que nunca vai haver. Essa é justamente a motivação dessa pesquisa. Estamos buscando aqui, colaborar para lançar uma luz sobre a possibilidade real de alterar o sentido da prática da EFE a partir de um conjunto de fatores que resultam na motivação e disposição de alguns professores que não somente acrescentam conteúdos agora obrigatórios mas que dão real sentido a esses conteúdos.

[...] a inovação foi definida como processo multidimensional, capaz de transformar o espaço no qual habita e de transformar-se a si própria. Nesse sentido, diversos autores referem que inovar consiste, antes de mais nada, em uma disposição permanente em direção à inovação ou de inovar a inovação. Ao mesmo tempo, os teóricos da inovação se interessam pela apropriação por parte dos atores, pela continuidade dos esforços inovadores e pelo papel integrador que corresponde a um significado compartilhado sobre a inovação. Dessa maneira, a inovação pode cumprir uma função projetiva. (MESSINA, 2001, p.227)

Entendemos portanto que a inovação no processo de ensino-aprendizagem se dá a partir de uma junção de disposições em exercer um esforço contínuo para a promoção de uma mudança real.

Para MESSINA (2001), as mudanças na educação tem relação direta com a sociedade globalizada. Grande parte da população educacional ainda que em estágios precoces na escola já tem acesso a informação em tempo real, o que coloca o professor frente a uma realidade de alunos expostos constantemente ao bombardeio da mídia, instrumento do capitalismo que tenta constantemente aliciar emocionalmente a sociedade consumidora.

O professor se torna então uma grande ferramenta na formação de indivíduos capazes de analisar e filtrar essa exposição massiva ao teatro do capitalismo, capacitando seus alunos através do conhecimento e mostrando que existe o caminho da racionalidade.

O conhecimento é libertador, quando um indivíduo tem propriedade de seus valores e princípios torna-se capaz, junto à construção de conceitos, de ler a informação criticamente, opinando e escolhendo se assume para si ou descarta o conhecimento ofertado pela informação.

Nas últimas décadas como já revisto aqui, muitas reformas ocorreram e tendem a continuar ocorrendo, marcando uma valorização da formação educacional, onde é necessário que o sistema educacional implemente a formação estudantil em várias frentes, formando indivíduos com espírito de ação e liderança, capacitados para trabalho em grupo, para uso das tecnologias e autônomos mentalmente, ou seja, cidadãos que não se resumem a consumidores mas que atuem na sociedade como agentes transformadores dessa realidade.

Existe todo um sistema social e político que deveria convergir em prol da inovação educacional, porém na realidade sabemos que o sistema social político atual é um sistema de muitas peças que não se encaixam, não se alimentam e infelizmente isso reflete dentro da sala de aula, criando uma atmosfera de total desinvestimento educacional.

Infelizmente, a realidade do país é contrária a toda teoria de inovação e mudanças. Os problemas atuais com a gestão pública agravam a situação no cenário educacional público, onde é comum ver em noticiários situações extremas de escolas totalmente desestruturadas, sem as mínimas condições de representar um espaço para a educação de crianças, sem água, sem merenda, sem banheiro, muitas vezes até sem carteiras. Mesmo nas instituições que possuem estrutura melhor, o professor é mal remunerado, lida com situações de violência dentro de sala de aula, pois muitos jovens crescem em situação de pobreza ou em comunidades rendidas pelo crime, tornando-se indivíduos revoltados.

Um dado interessante sobre a sociedade brasileira foi fornecido pelo Instituto Varkey Foundation², que realizou em 2017 um estudo para testar a percepção das pessoas sobre educação correspondente à qualidade do ensino cruzando as médias do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) de 21 países com um indicador de qualidade atribuído à educação com escala de 0 a 10. Nesse estudo, o Brasil foi o país que revelou a maior distorção

² Fundação de caridade global focada em melhorar os padrões de educação para crianças carentes. Foi formado em 2010 pelo empresário indiano Sunny Varkey, fundador e presidente da GEMS Education, a maior operadora do mundo de escolas do jardim de infância ao ensino médio

entre percepção e realidade na área educacional, ou seja, outro problema grave é a constatação que a população tem uma visão distorcida da qualidade do ensino no Brasil, atribuindo melhor qualidade do que visivelmente temos no panorama das escolas brasileiras, retratando a deficiência que temos na formação de cidadãos críticos, conscientes da realidade social.³

Esse resultado retrata a urgente necessidade da intervenção da escola na formação do cidadão brasileiro. Todo esse cenário desfavorável reflete de maneira muito negativa na atuação docente, dificultando e desmotivando o professor que se vê com uma enorme carga nas costas na sua interação com os alunos. Basicamente o professor tem que assumir essa avalanche de falhas e descasos e tentar como um último suspiro de esperança, fazer a diferença na vida de cada um de seus alunos, lançando luz para um caminho diferente do qual eles tendem a trilhar.

Nesse cenário brevemente ilustrado aqui mas que seguramente é de conhecimento de todos, nos deparamos com professores que de alguma forma fazem a diferença, eles inovam. Esse professor usa sua atuação inovadora para produzir uma mudança na vida de seus alunos, buscam soluções, se reinventam a cada aula.

Não há consenso em relação aos fatores que fomentam a prática pedagógica dos professores inovadores, são pessoas distintas, provenientes de culturas distintas, cada qual com sua formação, suas vivências, ambientes de atuação profissional diferentes, entre muitos outros fatores, porém, tem em comum a formação de uma identidade docente que não se limita a simplesmente inserir conteúdos distintos aos esportes coletivos básicos, não se trata somente de dar uma aula diferente, mas de mudar o espectro da visão da sua relação com o aluno, passando o aluno para uma posição ativa na sala de aula, onde o professor, mediando o conhecimento, se envolve e se compromete com a formação de seus alunos como um todo

A formação da identidade docente é um processo contínuo, a cada aula dada o professor tem a oportunidade de ajustar as arestas de seu ser docente, de refletir suas atitudes, de mensurar a resposta da turma a determinado estímulo, de repensar uma atividade que não funcionou bem, de adaptar um exercício para que os alunos que não conseguiram desenvolvê-lo o façam da próxima vez, entre um milhão de outras ocorrências e possibilidades.

³ Reportagem escrita por Priscila Cruz, fundadora e presidente-executiva do movimento Todos Pela Educação. Graduada em Administração (FGV) e Direito (USP), mestre em Administração Pública (Harvard Kennedy School), foi coordenadora do ano do voluntariado no Brasil e do Instituto Faça Parte, que ajudou a fundar. Acessado em <https://educacao.uol.com.br/colunas/priscila-cruz/2017/11/22/educacao-expectativa-x-realidade.htm> em 25 de maio de 2018.

O professor inovador, a partir dessa atitude reflexiva, atende a necessidade de ampliar o olhar de seus alunos sobre as atividades desenvolvidas na aula e os temas abordados, que deixam de ser meras repetições ou pratica dos esportes hegemônicos e passam a fazer sentido para suas vidas.

A atitude reflexiva resulta de uma preocupação pessoal de construir o conceito e de atribuir sentido real do conteúdo trabalhado, ofertando inúmeras oportunidades e vivências que de encontro com a cultura e valores pessoais de cada aluno, assumem sentido e se transformam em práticas que farão parte de suas vidas.

5.1. Processo de Formação

A discussão sobre a necessidade de se garantir um processo de formação adequado ao professor de EFE é longa, pois a busca é por garantir uma formação que entregue ao mercado um profissional capaz de assumir com competência e autonomia o seu papel na escola. A intenção é sempre a de superação dos modelos tradicionais, tecnicistas e esportivista

A formação de professores pode “desempenhar um papel importante na configuração de uma nova profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional o seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas”. Nenhuma reforma educacional tem valor se a formação de docentes não for encarada como prioridade. (GUÉRIOS e STOLTZ, 2010, p. 279 apud NÓVOA, 1992, p.24)

No entanto, a formação docente é o início do processo de construção da identidade docente. É a graduação que fornece base científica, princípio formativo e primeiras vivências praticas através dos estágios supervisionados.

Para o professor inovador, a busca por inúmeras competências para sua identidade docente permeiam em torno de um objetivo: fazer de seu aluno um agente transformador, autônomo e capaz de analisar e tomar decisões que afetam sua vida e de outras pessoas.

A formação docente deve então, orientar o professor a uma ação reflexiva, pois é a reflexão que conduzirá o professor a romper a barreira para a mudança através de uma prática inovadora e por que não dizer, renovadora, já que assumimos aqui , segundo PIMENTA (1997)

que a identidade docente se constrói a partir da revisão constante dos significados sociais da profissão e complementamos, reescrevendo aqui o já dito anteriormente, que a formação da identidade profissional do docente é uma via de mão-dupla, envolvendo sua formação, inicial e continuada e sua auto-formação onde os saberes da sua formação são revistos e reelaborados constantemente.

a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas) mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante “investir” nas pessoas e dar um estatuto a saber da experiência, sob o paradigma da alteridade humana. ((GUÉRIOS e STOLTZ, 2010, p. 279 apud NÓVOA, 1992, p.24)

... a formação continuada pode possibilitar a reflexividade e a mudança nas práticas docentes, ajudando os professores a tomarem consciência das suas dificuldades, compreendendo-as e elaborando formas de enfrentá-las. De fato, não basta saber sobre as dificuldades da profissão, é preciso refletir sobre elas e buscar soluções, de preferência, mediante ações coletivas.(LIBÂNEO, 2002, p.227)

A graduação em licenciatura em Educação Física não é capaz de proporcionar uma formação completa e integral do professor reflexivo que resultará em práticas pedagógicas inovadoras, porque a graduação representa somente o início da formação docente. O professor inovador responde à inquietude do constante aperfeiçoamento pessoal e profissional, criticando seu próprio papel de educador físico, buscando sempre preencher as lacunas deixadas pela formação inicial e caminhando em direção às tendências pedagógicas e sociais atuais.

Portanto, o processo de formação docente de um professor inovador é infundável, seria incoerente se assim não o fosse pois, a virtude inovadora está justamente nesse processo de constante realimentação dos saberes e das práticas pedagógicas e na inquietude do ser docente de promover constante mudança em seus alunos.

5.2. Características da Prática Pedagógica

Conhecer as características da prática pedagógica do professor inovador implica considerar um universo de variáveis. Mas de maneira abrangente entendemos que a prática

pedagógica inovadora se faz a partir de uma personalidade inovadora que incrementa sua atuação a partir da reflexão e questionamentos acerca dos resultados obtidos, revisando e aperfeiçoando sua intenção previa de produzir mudança.

Os caminhos para essa reflexão, revisão e conseqüente aperfeiçoamento caracterizador da inovação, são diversos e guiados pela própria noção de como passar os saberes da cultura corporal de movimento para seus alunos.

Portanto, existe uma pluralidade de fatores que definem a ação inovadora, porém todos esses fatores são norteados por uma ampla busca por valores e formação do professor.

SILVA e BRACHT (2012) analisaram alguns professores inovadores na tentativa de compreender os processos de inovação pedagógica em suas práticas. Para os autores, as características que perfazem a pratica do professor inovador são:

a) Inovar os conteúdos da Educação Física, considerando como conteúdos de aula os aspectos ligados ao conhecimento sobre a cultura corporal de movimento, como conhecimentos fisiológicos, antropológicos, sociológicos, etc. articulando teoria e prática;

b) Modificar o trato deste conteúdo, não mais se resumindo a apresentar os gestos considerados corretos, e sim, envolvendo o aluno como sujeito do conhecimento, construindo um ambiente de co-gestão das aulas;

c) Utilizar diferentes formas de avaliação, envolvendo o aluno nas decisões do que avaliar, como avaliar e, mesmo, no próprio ato de avaliação (auto-avaliação);

d) Articular a EF com o PPP da escola, de forma mais clara e orgânica.

Entre os diversos elementos que devem ser observados na compreensão do fenômeno, é preciso considerar articulações entre o micro (a cultura escolar) e o macro (a cultura mais geral), entre a vida pessoal e a profissional, entre a história do professor e a cultura escolar específica, entre a história da disciplina no Brasil e a história do sistema educacional, da rede de ensino e da escola específica etc. (BRACHT et al., 2017).

Portanto, a pratica educativa inovadora resulta da mescla de vários elementos de âmbito social, pessoal e profissional, e se dá quando o docente prioriza a consciência na sua atuação, buscando uma auto visão crítica e dinâmica, passando a ser um questionador do seu próprio fazer, e do seu entorno.

5.3. Características do Docente

Essa é a grande questão do processo de identificar o perfil de professor inovador e a pesar de toda as possibilidades que um bom processo de formação acadêmica possa proporcionar à formação do ser docente inovador é, ao nosso ver, a personalidade do docente o fator que o fará ser ou não o professor inovador que consegue implementar reais mudanças na vida de seus alunos.

MESSINA (2001) propõe que os educadores inovadores sabem expressar e ouvir sua voz interior, realizam a reflexão na ação, sobre a ação e para a ação e desenvolvem uma mentalidade para assumir riscos.

O professor inovador é livre e autor de sua própria história, segundo FREIRE (1986), “os seres humanos têm essa possibilidade de ser co-criadores, a qual nos libera de ser meros executores das programações sociais e de ficar subordinados às metodologias bancárias.”

Para isso, virtudes como persistência, organização e autonomia são imprescindíveis para a construção de um ser docente que é capaz de vencer adversidades e provocar a real transformação que só a atitude inovadora pode proporcionar.

Junto a essas definições se infere a força que os motiva a realmente acrescentar valor ao processo de ensino aprendizagem, implementando a transformação a partir de um impulso interior e da persistência em tentar e tentar, que o leva a melhorar sua atuação docente constantemente mas não de uma maneira pessoal, de maneira comunitária e altruísta, visando o crescimento dos alunos a partir de sua práxis e crescendo pessoalmente a partir dessas mudanças externas. Essa é a via de mão dupla que citamos anteriormente.

Esse crescimento mútuo forma a ideia de que não é possível dissociar o ser docente do pessoal, pois a trajetória pessoal está intrinsecamente vinculada com sua atuação docente, alimentando sua evolução a cada experiência, sendo ela positiva ou não.

O perfil pessoal do professor incide diretamente sobre sua atuação, permitindo que a partir de fatores pessoais como crença na possibilidade de mudanças, persistência, vontade de romper com o tradicional a partir do deslumbramento pelo novo, e principalmente amor ao ofício docente, ele constrói a prática pedagógica inovadora, rompendo com a perspectiva tradicional de ensino nas aulas de EFE.

6. O DESAFIO DA INOVAÇÃO NO CENÁRIO DE DESINVESTIMENTO PEDAGÓGICO ATUAL

A EFE por si só já exerce empatia nos alunos, é normal ao serem questionados sobre que aula gostam mais, a resposta é quase unânime: Educação Física! Essa empatia ocorre naturalmente, pois limitar crianças e jovens que normalmente são super ativos a passar horas e horas sentados em uma cadeira em uma sala fechada só pode produzir esse efeito quando o contexto da aula de EFE se passa em um lugar amplo, ao ar livre muitas vezes, e onde eles tem a oportunidade de extravasar a energia acumulada nas aulas imóveis das outras disciplinas.

Outro fator não tão favorável para essa predileção é a semelhança das aulas de EFE com o recreio, pois muitas vezes o professor se limita a monitorar os alunos em um momento de recreação ou simplesmente conduz partidas de um dos quatro esportes hegemônicos.

De qualquer forma, o fato é que o ambiente favorece a interação professor – aluno para o professor de EFE. Infelizmente a realidade normalmente nos favorece pouco, para um item a favor temos vários contra, como falta de visão da coordenação da instituição da EFE como conteúdo multidisciplinar, falta de espaço adequado e estrutura, falta de material, pouca carga horaria, preconceito dos outros docentes com o conteúdo EFE, minimização da importância da aula de EFE pela comunidade, baixos salários, entre outros.

Os professores caracterizam-se como pessoas que têm sobrecarga de tarefas, que realizam seu trabalho em condições de fragmentação e isolamento, em especial isolados de outros adultos, que estão sempre exaustos e sem esperança e que contam com poucas oportunidades de reflexão. A pressão pelo imediatismo e a sobrecarga são as armadilhas da vida cotidiana que dificultam a mudança. A partir desse diagnóstico, destaca-se que os professores devem ser formados para que: a) aprendam a trabalhar em condições de incerteza e de ansiedade e b) tenham confiança nas pessoas e nos processos (MESSINA, 2001 apud Fullan, Hargreaves, 1999).

Em meio a esse cenário tão adverso e tão “desinvestidor”, encontramos professores que mesmo que não tenham tido formação acadêmica nas melhores faculdades, que não tem incentivo das instituições que trabalham para o desenvolvimento de uma pratica transformadora, que estão situados em comunidades conflitivas, que não possuem estrutura

física e equipamentos adequados mas ainda assim, simplesmente fazem a diferença, transformam e edificam o saber a partir do quase nada.

FARIA et al (2010) e BRACHT et al (2017) corroboram para a constatação de que são muitos os fatores podem dificultar a formação da prática pedagógica inovadora, citando o papel ambíguo da cultura escolar, que pode favorecer tanto a inovação pedagógica quanto o abandono docente, falta do trabalho coletivo, a falta de conhecimento da função da Educação Física por parte da escola, falta de reconhecimento do trabalho do professor; burocracia exigida pela escola, a valorização exacerbada da cultura esportiva; a inexistência de infraestrutura e de condições objetivas para realização das práticas etc. Para os autores, “Apesar dessas características, muitas encontradas nas culturas escolares Brasil afora, diversos professores conseguem inovar e se engajam em “lutas por reconhecimento” no sentido de obter a valorização da disciplina e da sua intervenção como expressão de uma prática de sucesso.

Esses professores tem dentro de si a melhor das virtudes docentes, uma enorme vontade de fazer com que a EFE tenha um significado real para seus alunos, que seja transformadora em suas vidas e que agregue valor na sua formação como cidadão.

Durante nossa formação acadêmica nos deparamos com esse tipo de professor, tanto nas aulas teóricas da faculdade quanto no estágio supervisionado na rede pública, que nos inspiraram e nos ensinaram muito mais com suas experiências pedagógicas do que qualquer livro.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encerrar e sem perder de vista os questionamentos iniciais desse estudo, acrescentamos que toda mudança implica em distanciamento do comum, do conhecido, rumo à superação.

O objetivo da Educação Física Escolar é formar um cidadão capaz de atuar na sociedade, interferindo e transformando, de maneira coletiva e solidária. Essa capacidade de transformação é alcançada a partir da reconstrução do conhecimento.

Alunos que se transformam em cidadãos agentes de transformação social são produto de uma atuação inovadora, que permitiu que eles fossem protagonista no processo de ensino aprendizagem.

Esse cenário só é possível através da atuação do professor inovador que, insatisfeito com a apatia do tradicional, busca constantemente o aprimoramento de formação do seu ser docente que através de sua ação pedagógica promove a real transformação que o movimento renovador da década de 80 esboçou e que até os dias atuais padecem na literatura.

A prática pedagógica inovadora é resultado de ações reflexivas de um ser docente que busca constantemente sua formação, através da formação continuada, do aprimoramento e da persistência em evoluir seus alunos e conseqüentemente evoluir profissional e pessoalmente, apesar de todas as dificuldades do cenário social, educacional e político.

A identidade do professor inovador não está dissuadida de sua personalidade. Seu perfil e características pessoais de persistência e crença na formação de um futuro melhor são o diferencial para que em meio a tanto desinvestimento, ele consiga emergir e conduzir o processo de ensino aprendizagem de maneira a produzir as reais transformações em uma realidade oposta da EFE.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, S. E.; SHIGUNOV, V. **Reflexões sobre as abordagens pedagógicas de Educação Física**. Revista Kinein, v. 1. n. 1, 2000.
- BRACHT, Valter. **A constituição das teorias pedagógicas da educação física**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 48, Agosto, 1999
- _____ **Educação física e aprendizagem social**. Editora Magister, 2ª Edição. 1997
- BRACHT, Valter et al. **A educação física escolar entre a inovação e o desinvestimento pedagógico**. Relatório de pesquisa. Vitória, ES, 2017
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MC/SEF, 1998.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Campinas, SP: Papirus, 1994.
- Coletivo de Autores; **Metodologia do Ensino da Educação Física**, 1ª Ed., São Paulo, Ed. Cortez, 1990.
- DAOLIO, J. **Da Cultura do Corpo**, Ed. Papirus, Campinas, SP, 1995.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física na escola: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003
- DARIDO, S. C. e RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 2005.
- DE SOUZA NETO, Samuel et al. **A formação do profissional de educação física no brasil: uma história sob a perspectiva da legislação federal no século xx**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Florianópolis, SC, v. 25, n. 2, Jul. 2008. ISSN 2179-3255. Disponível em: <<http://www.rbce.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/230/232>>. Acesso em: 20 Mai. 2018
- FARIA, B. A.; BRACHT, V.; MACHADO, T. S.; MORAES, C. E. A.; ALMEIDA, U. R.; ALMEIDA, F. Q. **Inovação pedagogia na educação física: o que aprender com práticas bem sucedidas**. Ágora para la Educación Física y el Deporte, Valladolid, v. 12, p. 11-28, 2010.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2008
- GALVÃO, Zenaide. **Educação Física Escolar1: A prática do bom professor**. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2002, 1(1):65-72
- GUÉRIOS, Ettiène; STOLTZ, Tânia. **Educação e Alteridade**. Ed. UFSCar. 2010

GUIRALDELLI JR., Paulo. **Educação Física progressista, a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física brasileira**. 8ª ed. São Paulo: Loyola, 2003.

KUNZ, Eleanor: **Transformação Didático Pedagógica do Esporte**, 6ª Edição, Editora Unijai, 2004.

_____. **Educação Física: Ensino e Mudanças**. 1991

LEANDRO; Marcilene Rosa.. **Educação Física no Brasil uma história política**. Monografia (Trabalho de conclusão do curso de Educação Física). Centro Universitário UNIFMU, São Paulo, 2002. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/3097/1/educacao-fisica-no-brasil-uma-historia-politica/pagina1.html>>. Acesso em: 17 de fevereiro. 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro?** n: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro. Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

MACHADO, Thiago da Silva; BRACHT, Valter; **“O impacto do movimento renovador da Educação Física nas identidades docentes: Uma leitura a partir da “Teoria do reconhecimento de Axel Honneth”**, Movimento, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 849-860, jul./set. de 2016

MARINHO, Inezil Penna. **História da Educação Física no Brasil**. São Paulo, Ed. Cia Brasil (Publicação Resumida), 1980.

MESSINA, Graciela. **Mudança e inovação educacional: notas para reflexão**. Cadernos de Pesquisa, n. 114, p. 225-233, nov., 2001.

PIMENTA, Selma G. **Didática e Formação de Professores: percursos e perspectivas no Brasil e em Portugal**. São Paulo, Cortez, 1997.

RAMOS, J. J. **Os exercícios físicos na história e na arte**. São Paulo: Ibrasa. 1982.

REIS, Pedro Ferreira, **Desafios da Educação Física Escolar no Ensino Médio Frente a Sociedade Contemporânea**, Faculdade Cesufoz, Paraná, 2010. Artigo disponível em http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses, acessado em 02 de março de 2018.

SACRISTÁN, J. Gimeno. **Poderes instáveis em educação**. Porto Alegre: ARTMED Sul, 1999

SANTANA, Wilton C. de. **Futsal: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização**. Campinas: Autores Associados, 2004.

SILVA, Mauro Sérgio; BRACHT, Valter. **Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar**. Revista Kinesis, CEFD/UFMS, 2012. Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/5718/3394>. Acessado em 14 abril 2018.

SOUZA, Maria Antônia. **Prática Pedagógica: conceito, características e inquietações**. 2005. Artigo publicado no IV ENCONTRO IBERO-AMERICANO DE COLETIVOS ESCOLARES E REDES DE PROFESSORES QUE FAZEM INVESTIGAÇÃO NA SUA ESCOLA. Acessado em <http://files.metodologiacientifica4.webnode.com/200000019-9c76a9d73f/Artigo-5-Pr%C3%A1ticaPedagCONCEITOS.pdf>, em 18 de maio de 2018.

Thiago da Silva Machado et al, “**As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física escolar**”, Revista Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 02, p. 129-147, abril/junho de 2010.